

Uma análise de notícias e reportagens paraibanas na *web* sobre o Projeto de Integração do Rio São Francisco ¹

Anderson Luan Santana Siqueira ²

Resumo: Este trabalho analisa reportagens e notícias produzidas sobre a execução do Projeto de Integração do Rio São Francisco e a construção social a respeito dessa obra hídrica. Foram analisados gêneros jornalísticos predominantes, conflitos, a clivagem do enfrentamento à estiagem, e, por outro lado, as lutas pelo acesso do direito à água no semiárido brasileiro. Os conteúdos jornalísticos analisados foram veiculados entre março de 2017, data de inauguração do Eixo Leste, e novembro de 2018, totalizando 20 matérias. O enfoque se deteve em abranger prioritariamente a Paraíba e não foram explorados recursos multimídias na plataforma. A notícia é o gênero predominante e a editoria é, em sua maioria, de Cidades.

Palavras-chave: Integração do Rio São Francisco. Notícias. Paraíba. Reportagens. Semiárido.

1 Introdução

O presente trabalho analisa reportagens produzidas sobre o Projeto de Integração do Rio São Francisco, com vistas a refletir acerca da construção social das notícias a respeito dessa obra hídrica, que vem sendo pensada desde a época do Brasil Império, e executada, em parte, no século XXI. Enquanto acontecimento jornalístico, produção e enquadramentos foram analisados, observando gêneros jornalísticos predominantes, conflitos e a clivagem do enfrentamento à estiagem, e, por outro lado, as lutas pelo acesso do direito à água no semiárido brasileiro. As reportagens e notícias analisadas foram veiculadas entre março de 2017 e novembro de 2018, totalizando 20 matérias jornalísticas.

O Nordeste brasileiro é formado por 9 estados da Federação (Piauí, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia) e, historicamente, está envolto no debate sobre desenvolvimento a partir da discussão a respeito das questões climáticas, tendo em vista as dificuldades enfrentadas mediante as irregularidades das chuvas, por fenômenos climáticos causados pela insuficiência de

¹ Artigo apresentado ao Grupo de Trabalho GT5 Mídias contemporâneas e práticas socioculturais do XVI Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Cultura, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, Universidade de Sorocaba – Uniso – Sorocaba, SP, 26 setembro de 2022.

² Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba e Mestrando em Comunicação e Sociedade na Universidade Federal do Tocantins. Contato: jornalista.andersonsantana@gmail.com

precipitação pluviométrica. Características sabidamente conhecidas e sempre veiculadas na imprensa brasileira.

Junto ao sol escaldante, a falta de água é uma realidade para muitos nordestinos, prioritariamente, para aqueles que vivem no interior, especialmente nas áreas rurais. De acordo com Gomes (1998, p. 62) “a maioria da população rural – especialmente trabalhadores rurais sem-terra, moradores, meeiros, assalariados, pequenos proprietários, rendeiros, enfim, camponeses – constitui, sem sombra de dúvida, o que se convencionou chamar de ‘vítima das secas’”.

A paisagem de carros-pipa transportando água nesses lugares é corriqueira e parece, muitas vezes, distante de mudar no semiárido brasileiro. É a partir da noticiabilidade sobre o Semiárido Brasileiro (onde ocorre o Projeto de Integração do Rio São Francisco) que o recorte é observado, considerando que a água é um bem imprescindível para a vida e qualquer processo produtivo, vinculado diretamente ao bem-estar humano e ao desenvolvimento econômico. Nesse sentido, a escassez da água ainda é uma problemática em curso repleta de desafios.

2 Contextualização histórica

A área do semiárido equivale a 982.563,3 quilômetros quadrados (11% do total do território brasileiro). Os critérios para delimitação do Semiárido são, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019), a precipitação pluviométrica média anual igual ou inferior a 800 milímetros; o índice de Aridez igual ou inferior a 0,50 e; o déficit hídrico igual ou superior a 60%, levando em conta todos os dias do ano (IBGE, 2019).

Vale destacar que no período do Brasil Império já se buscava soluções para sanar a problemática do estresse hídrico na região, a exemplo de perfuração de poços, construção de açudes etc. Era de conhecimento do Imperador Dom Pedro I esse cenário, o que o fez, em 1859, apoiar uma Comissão Científica de exploração para que houvesse uma pesquisa mais aprofundada acerca das peculiaridades do Nordeste (SARMENTO, 2018).

Segundo Sarmiento (2018, p. 40), “entre as intervenções de infraestrutura cabíveis, a Comissão apontou a transposição de águas do Rio São Francisco para a bacia do

Jaguaribe, no Ceará”. A partir daí foi sendo articulado o projeto da obra, que viria a se concretizar muito tempo depois, apenas durante o governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva, já em meados do século XXI.

Contudo, a temática “seca” já era conhecida entre os moradores de distintas partes do Brasil desde o desembarque luso:

O primeiro registro sobre o fenômeno data de 1552. Á época, os jesuítas relataram secas com drástica redução de chuvas desde áreas interioranas adentradas até áreas litorâneas, informação que enfraquece o argumento de que anos secos no fim do século XX relacionam-se à mudanças climáticas globais, dado sua abrangência extrapolar o espaço de maior frequência do fenômeno (SARMENTO, p. 12, 2005).

Nesse sentido, a problemática está envolta na realidade dos brasileiros desde muito tempo. No semiárido, o clima seco e a estiagem remetem à desertificação. Levando-se em conta que a dificuldade do cultivo agrário se dá justamente pela falta de chuvas, isso gera dificuldades de sobrevivência daqueles que dependem da agricultura e pecuária.

Tendo isso em vista, num texto datado de 1940, denominado “O Rio de São Francisco”, Rocha (1940, p. 8,) apresenta a grandiosidade e benesses que obras no entorno do Rio poderiam trazer, afirmando que “já é tempo de surgir no Brasil um novo Sesóstris, que transforme o São Francisco em um manancial de utilidades para o Universo de lado as cogitações de Quéops, absorvido em perpetuar o seu nome através das idades”. O autor ainda, naquele período, enaltecia e projetava um futuro promissor: “Tu serás, oh! formoso rio de São Francisco, verdadeiramente o *coelo gratissimus animis*. Tu terás enfim conhecido e apreciado o Triptólemo que deva aí ensinar a lavrar e embelezar a terra, criar comércio, desterrar a ferocidade e fazer a vida deleitosa e feliz”. (ROCHA, 1940, p. 2)

Décadas depois, a relação entre seca e fome foi trazida pelo pernambucano Josué de Castro, em 1984, através da obra *Geografia da Fome*. O pesquisador mapeou e dissertou a respeito dos males causados pelo fenômeno das secas no nordeste brasileiro, suas implicações na vida humana, no bem-estar animal e no desenvolvimento social. Ele ressalta que:

Infelizmente, as secas periódicas, desorganizando por completo a economia primária da região, extinguindo as fontes naturais de vida,

crestando as pastagens, dizimando o gado e arrasando as lavouras, reduzem o sertão a uma paisagem desértica, com seus habitantes sempre desprovidos de reservas, morrendo à míngua de água e de alimentos (CASTRO, 1984, p. 167).

Essa realidade histórica é peculiar e dá ênfase à problemática da convivência dos nordestinos com a seca local, especialmente os sertanejos, que precisam enfrentar o difícil clima da região e a intemperividade cotidiana para sobreviver. Vale recordar que essa realidade foi amplificada com o relato de Euclides da Cunha, em sua obra “Os Sertões”. Um cenário definido por desigualdades econômicas e sociais que marcam a região e a disputa por um projeto de desenvolvimento sustentável. O fenômeno das secas foi amplamente discutido, de acordo com Gomes (1998, p. 57), como um fenômeno climático e social. Dessa forma, a seca e sua significação

Não se restringe ao período seco, mas, muito pelo contrário, estende-se a todos os momentos da vida social, econômica, religiosa e cultural do nordestino sertanejo. Se é período de estio, a sua significação é inquestionável; se é período de chuvas, onde se vive o “inverno” e as plantações se concretizam, é a ausência da seca que lhe dá significado, pois dela o sertanejo não pode esquecer” (GOMES, 1998, p. 57).

A contextualização das secas para além das questões socioambientais envolve características de um povo, sua realidade e desafios enfrentados. Para Sarmiento (2018, p. 30), a nação brasileira tem uma dívida histórica com o Nordeste “por permitir que a bem-conhecida carência regional de água e o uso político moralmente inqualificável dessa característica natural deixasse suas digitais nas realidades socioeconômica e ambiental”. O pesquisador elucida, tanto pelas suas pesquisas quanto pelo seu trabalho à frente de grandes obras hídricas, a necessidade de sanar essa questão, tendo em vista que, há muito tempo, existem meios de amenizar os efeitos causados pela seca.

O Projeto de Integração do Rio São Francisco foi considerado por gestores públicos como uma saída para sanar a escassez de água no Semiárido do Brasil. Mas tal ideia teve início muito tempo atrás, quando, em meados do século XIX, uma seca devastadora impulsionou os primeiros passos do projeto com base nos dois anos de estiagem que o Nordeste enfrentou, entre 1844 e 1845, incentivando o intendente da comarca do Crato, no Ceará, Marcos Antônio de Macedo, a propor uma obra para trazer água do São Francisco para o seu Estado.

Na atualidade, de acordo com o Ministério do Desenvolvimento Regional (MDR), a iniciativa tem origem na necessidade de transpor os contornos mais elevados que dividem as regiões doadora e receptora das águas. “O Projeto de Integração do Rio São Francisco levará água para 12 milhões de pessoas nos estados de Pernambuco, Paraíba, Ceará e Rio Grande do Norte. Serão contemplados 390 municípios”, (MDR, 2022, p. 1). É coordenada pelo Governo Federal, cujo espectro de ação envolvia a construção de centenas de quilômetros de canais visando a disponibilização das águas do Rio São Francisco, a partir de dois eixos (Norte e Leste):

O empreendimento hídrico é composto por dois eixos de transferência de água: Norte, com 260 quilômetros de extensão; e Leste, com 217 quilômetros. As estruturas captam a água do Rio São Francisco, no interior de Pernambuco, para abastecer adutoras e ramais que vão perenizar rios e açudes existentes na região. Ao longo dos dois eixos - Norte e Leste -, 294 comunidades rurais também serão beneficiadas. Com apoio financeiro da União, os governos estaduais vão construir sistemas de distribuição de água para contemplar os 78 mil habitantes nessas localidades. As infraestruturas serão responsáveis por fazer a água do Velho Chico chegar até às torneiras dessas famílias. Serão contempladas 12 comunidades quilombolas, 23 etnias indígenas e nove assentamentos do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra). Os sistemas de abastecimento fazem parte de um dos 38 programas socioambientais desenvolvidos pelo projeto e possui investimento federal de R\$251.22 milhões. Deste total, R\$82.77 milhões são destinados ao Ceará; R\$118.86 milhões para Pernambuco; R\$31.48 milhões para Paraíba; e R\$18.25 milhões para Secretaria Especial de Saúde Indígena do Ministério da Saúde (SESAI). O Ministério do Desenvolvimento Regional também apoiou os Estados com o fornecimento dos projetos executivos dessas obras (MDR, 2022, p. 1).

De acordo com Sarmiento (2006, p. 17), é no contexto do previsível desabastecimento dos centros urbanos que a integração do Rio São Francisco com o Nordeste setentrional se insere e se justifica de maneira inconteste:

Sem transcender sua função instrumental como ação de infra-estrutura, a integração, na atual concepção, constitui-se eixo estruturante para o desenvolvimento socioeconômico, na medida em que possibilita água não só para atender a demandas humanas nos centros urbanos, mas também demandas associadas a setores usuários de substancial influência nas condições socioeconômicas da região receptora, como agricultura. Isso sem comprometer em nada o suprimento hídrico da bacia do São Francisco, visto que o acionamento do sistema de integração para transferência de água com fins econômicos dar-se-á

somente nos anos em que ocorrer cheia no São Francisco e seca no semiárido setentrional (SARMENTO, 2006, p. 17).

Tais obras são adotadas em outras partes do mundo para sanar a desertificação de regiões secas e transformam a realidade das comunidades beneficiadas.

3 Análises

Para este trabalho, um conjunto de vinte matérias jornalísticas foram analisadas, apresentando personagens, relatos e contextos. Do ponto de vista dos gêneros jornalísticos, a predominância é de notícias. Foi possível verificar, também, a presença de uma variedade de fontes de informações relacionadas aos órgãos oficiais (Federais, Estaduais e Municipais), entidades públicas, associações e comunidade local. E permeiam nas matérias a tensão se, de fato, a obra expressa uma ação de desenvolvimento sustentável.

Finalmente, em 2017, a cidade de Monteiro, no Cariri Ocidental da Paraíba, foi a que recebeu as águas da obra hídrica no Estado. O município, com 33 mil habitantes, segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, figurava na lista das cidades em situação de emergência por causa da seca.

No dia 10 de março de 2017, a reportagem “A pacata cidade de Monteiro vira a terra das águas da Transposição do Rio São Francisco” – primeira da série sobre a inauguração da obra – destacou que “o sentimento geral para os paraibanos que esperam por água é de brilho nos olhos” mas, ao mesmo tempo, apresentou, através das falas dos entrevistados, aspectos negativos da obra de infraestrutura hídrica: “Quando começaram a falar da Transposição, a gente pensava que era um jardim de flor, mas veio o tempo e mostrou que não. Essa obra pode dar prazer pra muita gente, ou até para a gente daqui pra frente, mas até agora só deu prejuízo”, relato de uma agricultora da região.

Este é apenas um exemplo de que a obra, que visa sanar a falta de água de milhões de nordestinos, não é aceita por unanimidade e envolve questões complexas:

As resistências à ideia sempre existiram. Cresceram ou recrudesceram permeadas por legítimas preocupações com o passivo socioambiental acumulado na bacia, mas também – e mais pronunciadamente – em decorrência de distorções intencionalmente moldadas e propaladas para alimentar desconfianças, conferindo à palavra “transposição” conotação mórbida em relação ao rio (SARMENTO, 2006, p. 18).

A realidade dos beneficiados e prejudicados é apresentada ao longo de tal reportagem. Com base nisso, atesta-se a apresentação de diferentes pontos de vista sobre o assunto. No caso da reportagem citada, podemos observar, ainda, a predominância de dados financeiros sobre os Estados da Paraíba e Pernambuco. No tocante às fontes, no que se refere à inclusão dos agricultores entrevistados pela jornalista Renata Fabrício, constatamos visões divergentes, e, nelas, a presença de conflitos de terra na região, e a própria luta dos moradores da cidade de Monteiro pelo acesso mais justo aos recursos hídricos agora disponíveis.

Constatou-se que, no tocante ao uso de fotografias, as matérias analisadas mantinham espaço para o fotojornalismo, bem como para uso de ilustrações, apenas duas destas agregavam conteúdo material audiovisual (vídeo). O dado chama atenção devido ao conteúdo ser reproduzido numa plataforma multimídia e tais recursos não serem muito explorados, o que permitiria a utilização de camadas narrativas diversas e dinâmicas, que chamariam mais atenção do internauta.

Destas vinte matérias, cinco tiveram uma clivagem mais centrada nas questões econômicas, enquanto quinze trouxeram o foco mais das questões socioambientais. Observou-se a ausência de infográficos que poderiam facilitar o entendimento quanto aos números. Em relação aos gêneros jornalísticos, salienta-se a presença de 10 notícias, 9 reportagens e 1 editorial.

A escolha pela utilização de reportagens, para maior aprofundamento da situação e apresentação do cenário ao público, foi positiva por trazer mais angulações e melhor tratamento das informações. No tocante à distribuição das matérias nas editorias, elas aparecem assim distribuídas: 12 em Cidades; 3 em Política e 5 em Geral. Não havia seção especial ou algum suplemento para tratar do tema da Integração do Rio São Francisco, o que poderia facilitar o acompanhamento contínuo dos leitores e internautas acerca da temática. Devido ao caráter regional do *site*, o conteúdo produzido tratou do Estado da Paraíba nas 20 matérias analisadas, sendo que nove dessas também citavam Pernambuco, duas Rio Grande do Norte e mais duas o Ceará.

Conforme a tabela 1, foi possível observar um processo de estereotipia forte, já a partir dos títulos.

Tabela 1 - Reportagens analisadas

Título	Editoria	Data
<u>A pacata cidade de Monteiro vira a terra das águas do São Francisco</u>	Geral	10 de março de 2017
<u>A espera da tão sonhada água do Rio São Francisco agora é realidade</u>	Política	10 de março de 2017
<u>Roberto Cavalcanti defendeu a Transposição do rio São Francisco</u>	Política	10 de março de 2017
Aesa acompanha abertura de comporta e monitora águas do São Francisco	Política	10 de março de 2017
Moradores de amparo sonham com a chegada das águas do Rio São Francisco	Geral	10 de março de 2017
Energia-solar ou eólica para sustentar a transposição	Geral	18 de março de 2017
Águas do Rio São Francisco devem chegar ao açude de Boqueirão até o dia 25 de abril	Cidades	30 de março de 2017
Transposição inacabada ameaça a chegada das águas do São Francisco ao Boqueirão.	Cidades	31 de março de 2017
<u>Boqueirão em obras para as águas do São Francisco</u>	Cidades	07 de abril de 2017
Esperança: águas da transposição do Rio São Francisco estão a 3 km do açude Epitácio Pessoa.	Cidades	18 de abril de 2017
<u>Com águas do São Francisco Cagepa aumenta vazão em CG</u>	Cidades	09 de maio de 2017
<u>Canal da transposição do São Francisco rompe</u>	Cidades	11 de junho de 2017
Água desviada do São Francisco na PB é mais da metade da usada por 20 cidades	Cidades	07 de agosto de 2017
MPF recomenda ao Ibama a não conceder licença para o eixo leste da transposição	Geral	12 de dezembro de 2017
<u>MPF realiza reunião com deputados e senadores para tratar da transposição</u>	Geral	15 de janeiro de 2018
<u>MPF cobra atuação da bancada paraibana para transposição</u>	Cidades	20 de janeiro de 2018
<u>Chuvas e transposição fizeram Boqueirão atingir 1/5 de sua capacidade de estocagem</u>	Cidades	17 de abril de 2018

<u>Boqueirão está há 3 meses sem águas da transposição</u>	Cidades	28 de junho de 2018
<u>Eixo-norte da transposição completa seis anos de atraso</u>	Cidades	14 de setembro de 2018
Ana e Aesa definem regras para uso de águas da transposição	Cidades	14 de novembro de 2018

Fonte: Produção Própria (2022).

Nove matérias apontavam para uma visão mais afirmativa e seis mais negativas do processo, realizando críticas aos momentos de paralisação da obra.

Observou-se, ainda, uma ausência de fontes vindas de movimentos sociais, coletivos e associações. Essas representações não constam em nenhuma das matérias analisadas, o que nos chamou atenção visto que essa obra envolve diferentes setores sociais.

Em relação à presença das fontes, também foi constatado que a equidade de gênero não se fez tão presente, visto que apenas seis das personagens entrevistadas eram mulheres, entre agricultoras e representante do Ministério Público. Duas décadas atrás, Alfredo Macedo Gomes entrevistou sertanejos que moravam em áreas rurais para dar origem à obra *Imaginário Social da Seca* e, dentre as pessoas que aceitaram participar da pesquisa, apenas 12% eram mulheres. O pesquisador, na época, afirmou que:

Ao chegarmos na casa das pessoas nos deparamos com a negativa por parte das mulheres em serem entrevistadas, recorrendo a decisão de mandar chamar o “homem da casa”. Apesar de nossas considerações, não fomos convincentes o suficiente para que elas se deixassem entrevistar. Disso decorre a presença ainda marcante do “chefe de família” masculino e de características patriarcais na condução da vida familiar (GOMES, 1998, p. 15).

Vale salientar que não se sabe ao certo o motivo da ausência feminina como fonte nas matérias analisadas. Mas é fato que a presença delas enquanto fonte de informação não é igualitária.

As matérias jornalísticas também apontam as tensões relacionadas aos conflitos, pois foi uma categoria que decidimos observar, e, nesse aspecto, elas apontam para:

conflitos de gestão (3); ambientais (2); conflitos no tocante à água (2); financiamento (1); político (1); terra (1).

Desvios das águas, trechos danificados, agricultores prejudicados por terem vendido suas terras para viabilizar as obras, impasse para decisão de administração das águas e cobranças por parte do Ministério Público quanto à bancada paraibana na Câmara Federal para manutenção da obra, são alguns dos fatores que motivaram os conflitos identificados. O jornalismo atuou, também, na crítica à paralisação das obras e má administração.

4 Considerações finais

Apesar de considerar que as matérias veiculadas sejam multimídia, segundo Salaverria (2014, p. 28), que destaca que todos os conteúdos que contam com pelo menos dois tipos de linguagem (foto e texto, por exemplo) associados entre si são, por natureza, multimídia; é preciso chamar atenção para a possibilidade de outros recursos que poderiam ter feito parte do conteúdo noticioso, como infográficos, vídeos, *slideshows* etc. Para Longhi (2015), produtos multimidiáticos *webjornalísticos* envolvendo *slideshows*, especiais multimídia e infografia online se renovaram a partir do início da segunda década dos anos 2000 e cativaram os internautas, atraindo mais público para a plataforma.

Em se tratando dos gêneros predominantes nas matérias analisadas, notícia e reportagem, pode-se afirmar que a reportagem foi utilizada para descrever esse acontecimento de interesse social do grande público de maneira mais complexa quanto à importância do fato, conforme objetivo dos jornalistas que cobriram o Projeto de Integração do Rio São Francisco:

Seja no jornal nosso de cada dia, na imprensa não cotidiana ou na televisão, ela se afirma como o lugar por excelência da narração jornalística. E é a justo título, uma narrativa – com personagens, ação dramática e descrições de ambiente – separada entretanto da literatura por seu compromisso com a objetividade informativa. Este laço obrigatório com a informação objetiva em dizer que, qualquer que seja a reportagem (interpretativa, especial, etc.), impõe-se ao redator o “estilo direto puro”, isto é, a narração sem comentários, sem subjetivações (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 9).

No que se refere à cobertura, o conteúdo não se deteve a abranger mais os Estados contemplados com as obras do Projeto de Integração, fato que pode estar relacionado aos

critérios de noticiabilidade como proximidade, identificação social, situação comum no jornalismo e, ao mesmo tempo, benéfica para o público local, que assim se viu mais representado.

Destaca-se que o acompanhamento feito pela equipe de jornalismo do conteúdo analisado pôde apresentar ao público, desde a inauguração do trecho em Monteiro, passando pelos percalços das paralisações, danificações e reparos da obra, benefícios à população e informou, também, questões relativas ao trabalho da Agência Nacional das Águas, Agência Executiva de Gestão das Águas, Ministério da Integração Nacional, prefeituras, políticos e outros órgãos públicos em prol da solução deste problema histórico na região.

Por fim, diante da continuidade das obras do Projeto de Integração do Rio São Francisco nos Estados vizinhos, é preciso destacar um acompanhamento necessário e permanente da imprensa, de pesquisadores e da população beneficiada, tendo em vista a complexidade que é a execução de uma obra desse porte e as tensões que traz enquanto acontecimento histórico e midiático.

Referências

CASTRO, Josué de. **Geografia da Fome**: o dilema brasileiro (pão ou aço). Disponível em: <[ttp://obha.fiocruz.br/wp-content/uploads/2016/12/geografia-da-fome-josue-decastro.pdf](http://obha.fiocruz.br/wp-content/uploads/2016/12/geografia-da-fome-josue-decastro.pdf)>. Acesso em: 05 dez. 2021.

CUNHA, Euclides. **Os sertões**. Disponível em: <<http://www.culturatura.com.br/obras/Os%20Sert%C3%B5es.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2021.

GOMES, Alfredo Macedo. **Imagário Social da Seca**, suas implicações para a mudança social. Recife: Editora Massangana, 1998.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Semiárido Brasileiro. Brasil, 2019. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/mapas-regionais/15974-semiarido-brasileiro.html?=&t=o-que-e>>. Acesso em: 15 dez. 2021.

LONGHI, Raquel Ritter. Narrativas webjornalísticas como elemento de inovação: casos Al Jazeera, Folha de São Paulo, The Guardian e The Washington Post. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v.40, p. 21-40, 2017.

_____. Infografia online: narrativa intermídia. In: Estudos em Jornalismo e Mídia. Ano VI, n. 1.

jan./jun. 2009. p. 187-196. Disponível em: <http://migre.me/pBnu7>. Acesso em: 12 dez. 2021.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL. **Mudanças em sua vida**. Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mdr/pt-br/assuntos/seguranca-hidrica/projeto-sao-francisco/mudanca-em-sua-vida>. Acesso em: 14 ago. 2022.

ROCHA, Geraldo. **O Rio de São Francisco**: fator precípua da existência do Brasil. Disponível em: <http://www.brasiliana.com.br/brasiliana/colecao/obras/218/o-rio-de-sao-francisco-fator-precipuo-da-existencia-do-brasil>>. Acesso em: 10 dez. 2021.

SALAVERRÍA, Ramon. **Multimedialidade**: informar para cinco sentidos. In Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: Livros LabCom, 2014, 196p.

SARMENTO, Francisco Jácome. **A Integração do São Francisco**: verdade e mito. In: Revista USP, n.70, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/13528/15346/> >. Acesso em: 22 dez. 2021.

SARMENTO, Francisco Jácome. **Transposição do Rio São Francisco**, os bastidores da maior obra hídrica da América Latina. São Paulo: Chiado Books, 2018.

SARMENTO, Francisco Jácome. **Transposição do Rio São Francisco**, realidade e obra a construir. Brasília: Gráfica Edicel, 2005.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

Apêndice A - Reportagens e notícias analisadas

BANDEIRA, Wênia. Chuvas e transposição fizeram Boqueirão atingir 1/5 de sua capacidade de estocagem. **Correio da Paraíba**, João Pessoa, 17 abr. 2018. Disponível em: <https://correiodaparaiba.com.br/cidades/agua/chuvas-e-transposicao-fizeram-boqueirao-atingir-1-5-de-sua-capacidade-de-estocagem/>>. Acesso em: 12 dez. 2021.

BANDEIRA, Wênia. Eixo-norte da transposição completa seis anos de atraso. **Correio da Paraíba**, João Pessoa, 14 set. 2018. Disponível em: <https://correiodaparaiba.com.br/cidades/agua/eixo-norte-da-transposicao-completa-seis-anos-de-atraso/>>. Acesso em: 18 dez. 2021.

BANDEIRA, Wênia. Boqueirão está há 3 meses sem águas da transposição. **Correio da Paraíba**, João Pessoa, 28 jun. 2018. Disponível em: <https://correiodaparaiba.com.br/cidades/agua/boqueirao-esta-ha-3-meses-sem-aguas-da-transposicao/>>. Acesso em: 12 dez. 2021.

CORREIO DA PARAÍBA. Aesa acompanha abertura de comporta e monitora águas do Rio São Francisco na Paraíba. **Correio da Paraíba**, João Pessoa, 10 mar. 2017. Disponível em: <<https://correiodaparaiba.com.br/politica/transposicao-politica/aesa-acompanha-abertura-de-comporta-e-monitora-aguas-do-sao-francisco/>>. Acesso em: 30 dez. 2021.

CORREIO DA PARAÍBA. Água desviada do São Francisco na PB é mais da metade da usada por 20 cidades. **Correio da Paraíba**, João Pessoa, 07 ago. 2017. Disponível em: <<https://correiodaparaiba.com.br/cidades/agua/agua-desviada-do-sao-francisco-na-pb-e-mais-da-metade-da-usada-por-20-cidades/>>. Acesso em: 06 dez. 2021.

CORREIO DA PARAÍBA. Canal da transposição do São Francisco rompe. **Correio da Paraíba**, João Pessoa, 11 jun. 2017. Disponível em: <<https://correiodaparaiba.com.br/cidades/canal-da-transposicao-do-sao-francisco-rompe-em-pernambuco/>>. Acesso em: 06 dez. 2021.

CORREIO DA PARAÍBA. O MPF realiza reunião com deputados e senadores para tratar da transposição. **Correio da Paraíba**, João Pessoa, 15 jan. 2018. Disponível em: <<https://correiodaparaiba.com.br/geral/mpf-realiza-reuniao-com-deputados-e-senadores-para-tratar-da-transposicao/>>. Acesso em: 08 dez. 2021.

CORREIO DA PARAÍBA. A transposição inacabada ameaça a chegada das águas do São Francisco ao Boqueirão. **Correio da Paraíba**, João Pessoa, 31 mar. 2017. Disponível em: <<https://correiodaparaiba.com.br/cidades/agua/transposicao-inacabada-ameaca-chegada-das-aguas-ao-boqueirao/>>. Acesso em: 31 dez. 2021.

FABRÍCIO, Renata. A espera da tão sonhada água do Rio São Francisco agora é realidade. **Correio da Paraíba**, João Pessoa, 10 mar. 2017. Disponível em: <<https://correiodaparaiba.com.br/politica/transposicao-politica/a-espera-da-tao-sonhada-agua-do-rio-sao-francisco-agora-e-realidade/>>. Acesso em: 28 dez. 2021.

FABRÍCIO, Renata. A pacata cidade de Monteiro vira a terra das águas da transposição do Rio São Francisco. **Correio da Paraíba**, João Pessoa, 10 mar. 2017. Disponível em: <<https://correiodaparaiba.com.br/transposicao/a-pacata-cidade-de-monteiro-vira-a-terra-das-aguas-do-sao-francisco/>>. Acesso em: 28 dez. 2021.

FABRÍCIO, Renata. Esperança: águas da transposição do Rio São Francisco estão a 3 km do açude Epitácio Pessoa. **Correio da Paraíba**, João Pessoa, 18 abr. 2017. Disponível em: <<https://correiodaparaiba.com.br/cidades/agua/aguas-da-transposicao-estao-a-3-km-de-boqueirao/>>. Acesso em: 04 dez. 2021.

FABRÍCIO, Renata. Moradores de Amparo sonham com a chegada das águas da transposição do Rio São Francisco. **Correio da Paraíba**, João Pessoa, 10 mar. 2017. Disponível em: <<https://correiodaparaiba.com.br/geral/moradores-de-amparo-sonham-com-a-chegada-das-aguas-do-rio-sao-francisco/>>. Acesso em: 29 dez. 2021.

FABRÍCIO, Renata; GEMINIANO, Ainoã. MPF recomenda ao Ibama a não conceder licença para o eixo leste da transposição. **Correio da Paraíba**, João Pessoa, 12 dez. 2017. Disponível em: <<https://correiodaparaiba.com.br/transposicao/mpf-recomenda-o-ibama-a-nao-conceder-licenca-para-o-eixo-leste-da-transposicao/>>. Acesso em: 08 dez. 2021.

GEMINIANO, Ainoã. Boqueirão em obras para as águas do São Francisco. **Correio da Paraíba**, João Pessoa, 07 abr. 2017. Disponível em: <<https://correiodaparaiba.com.br/cidades/agua/boqueirao-em-obras-para-as-aguas-do-sao-francisco/>>. Acesso em: 04 dez. 2021.

KITO, Alexandre. MPF cobra atuação da bancada paraibana para transposição. **Correio da Paraíba**, João Pessoa, 20 jan. 2018. Disponível em: <<https://correiodaparaiba.com.br/cidades/agua/mpf-cobra-atuacao-da-bancada-paraibana-para-transposicao/>>. Acesso em: 10 dez. 2021.

MEIRELES, Lucilene. Ana e Aesa definem regras para uso de águas da transposição. **Correio da Paraíba**, João Pessoa, 14 nov. 2018. Disponível em: <<https://correiodaparaiba.com.br/cidades/agua/ana-e-asesa-definem-regras-para-uso-de-aguas-da-transposicao/>>. Acesso em: 14 dez. 2021.

MONTE, Rammon. Com águas do São Francisco, Cagepa aumenta vazão em CG. **Correio da Paraíba**, João Pessoa, 09 maio 2017. Disponível em: <<https://correiodaparaiba.com.br/cidades/agua/com-aguas-do-sao-francisco-cagepa-aumenta-vazao-em-cg>>. Acesso em: 05 dez. 2021.

SANTOS, Adelson Barbosa. Roberto Cavalcanti defendeu a transposição do Rio São Francisco. **Correio da Paraíba**, João Pessoa, 10 mar. 2017. Disponível em: <<https://correiodaparaiba.com.br/politica/transposicao-politica/roberto-cavalcanti-defendeu-a-transposicao-do-rio-sao-francisco/>>. Acesso em: 29 dez. 2021.

VARELA NETO, Francisco. Águas do Rio São Francisco devem chegar ao açude de Boqueirão até o dia 25 de abril. **Correio da Paraíba**, João Pessoa, 30 mar. 2017. Disponível em: <<https://correiodaparaiba.com.br/cidades/agua/aguas-do-velho-chico-devem-chegar-ao-boqueirao-ate-o-dia-25-de-abril/>>. Acesso em: 31 dez. 2021.

VARELA NETO, Francisco. Energia solar ou eólica para sustentar a transposição do Rio São Francisco. **Correio da Paraíba**, João Pessoa, 18 mar. 2017. Disponível em: <<https://correiodaparaiba.com.br/transposicao/energia-sola-ou-eolica-para-sustentar-a-transposicao/>>. Acesso em: 30 dez. 2021.